



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

EDUARDA MARRANGHELLO LUIZELLI [DUDA] (2)

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-542

Entrevistada: Eduarda Marranghello Luizelli

Nascimento: 25/08/1971

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadoras: Suellen dos Santos Ramos e Ayllu Duarte Acosta

Data da entrevista: 15/04/2015

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 43 minutos e 47 segundos

Páginas Digitadas: 14 páginas.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Início no Sport Clube Internacional; Criação da escolinha de futebol feminino no Sport Clube Internacional; Carreira como jogadora de futebol; Passagem por clubes da Itália; Passagem pela Seleção Brasileira de Futebol; Escola da Duda; Formação de atletas; Futebol feminino no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 15 de abril de 2015. Entrevista com Eduarda Marranghello Luizelli a cargo da pesquisadora Suellen dos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Duda, primeiro gostaria de te agradecer, por estar nos cedendo este espaço e por disponibilizar do teu tempo. E para começar gostaria de saber qual é tua profissão atualmente?

E.L. – Hoje na verdade eu cruzo, cabeceio, faço gol [risos]. Hoje coordeno as Escolas da Duda, são 14 escolinhas de futebol. Temos vários projetos dentro das escolas da Duda. Hoje coordeno, talvez, uma das equipes que tem a maior estrutura de futebol feminino dentro do Rio Grande do Sul, que é a equipe de Canoas, com o apoio da Prefeitura de Canoas¹. E hoje estamos começando a nos envolver um pouco com a parte do futebol feminino em nível de Brasil, porque as pessoas estão nos requisitando para algumas coisas e estamos começando a nos envolver um pouquinho mais. Mas enfim, hoje o meu tempo é com relação à parte profissional é isso, é realmente cuidar das minhas escolas principalmente.

S.R. – E como foi tua iniciação no futebol?

E.L. – Eu comecei por que era vizinha do Valdomiro², na época de 1970. Meu pai era super amigo dele, éramos vizinhos de apartamento e a minha paixão pelo futebol, pelo Inter³. Ele não tinha filho na época, então as folgas dele eram jogar futebol comigo no corredor, quebramos várias vidraças [risos]. Na verdade quando acordei, abri meu olho, já me meteram uma tal de bola do Figueroa⁴ que na época era sucesso. Já colocaram em cima do meu berço uma bola. Comecei a caminhar, já tinha uma bola no meu pé, aí foi à paixão pelo futebol, meu pai era colorado e me levava no estádio, faz que nem eu faço com os meus filhos hoje, para eles ficarem quietos dá pipoca, picolé, dá tudo que tem para

¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

² Valdomiro Vaz Franco.

³ Sport Club Internacional.

⁴ Elías Ricardo Figueroa Brander.

conseguir ver o jogo [risos]. E eu adorava, entrava em campo com ele, e foi realmente a paixão pelo futebol. Mas naquela época não existia escolinha de futebol. Jogava com os meninos na pracinha. E sempre joguei, chegava do colégio e os guris já batiam na campainha porque se eu não era a primeira, era a segunda a ser escolhida, e a gente jogava futebol até escurecer, e o meu castigo era, quando eu não fazia alguma coisa direito no colégio era “sem futebol hoje”. Por isso sempre passei de ano, nunca rodei. Sempre gostei de futebol e minha família sempre apoiou e isso eu acho que foi uma das coisas determinantes para o sucesso. E uma bela época vimos, quando eu tinha doze, treze anos, vimos um anúncio no jornal Zero Hora dizendo “Peneirão” para equipe profissional, para equipe adulta do Inter”. E meus pais me levaram lá, e o que aconteceu, sempre me levavam, me buscavam, meus pais tinham o maior cuidado, eu era muito nova. Na época eu era centroavante, era a quinta centroavante da equipe. As meninas treinavam físico duas vezes por semana, terça e quinta, e chegava no sábado tinha um coletivo, muitas vezes treinei sábado, quinta, não faltei a nenhum treino que eu me lembre, chegava no coletivo, eu nem fazia o coletivo, por que eu era muito nova, então não fazia o coletivo.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]⁵.

E.L. – Onde eu estava?

S.R. – Que tu treinavas, mas tu nunca eras relacionada para os coletivos.

E.L. – Nunca era relacionada, eu nunca jogava. Mas mesmo assim, lá no início, para tu ver, já foi difícil. Eu ficava um pouco chateada, às vezes jogava dois minutos, cinco minutos e nunca jogava. Até que um dia nós fomos para o Campeonato Brasileiro em Campinas⁶, quando nós fomos para este Campeonato Brasileiro em Campinas, nós tínhamos um treinador, o Everton⁷, e a esposa dele era a Beth⁸, uma baita de uma jogadora, uma canhota que jogava muito bem. E no meu primeiro Campeonato Brasileiro em Campinas eu tinha treze anos, na categoria adulta, não joguei nenhum jogo, chegou à decisão de terceiro e quarto lugar, que era o último jogo, faltavam 15 minutos para acabar o jogo, o professor

⁵ Entrevistada se retirou da sala para beber água.

⁶ Cidade do estado de São Paulo.

⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

me chamou: “Vem, vem Duda”. Eu fui lá. O jogo estava dois a dois. Porque eu batia bem bola parada, pênalti. Vou entrar no final para bater o pênalti. E a primeira bola que veio para mim em um lançamento da goleira, dei o toque um pouco errado para frente, saí correndo e as zagueiras ficaram dormindo, saí correndo. Sabe aquele gol que o Pelé⁹ não fez que ele deu um rabo de vaca¹⁰ no goleiro? Eu fiz exatamente, só que a única diferença foi que a bola entrou no gol. Depois dali, imagina! Com treze anos. Depois dali eu nunca mais saí do time, com treze anos, aí eu fazia todos os coletivos. Aquele dia foi o máximo da minha vida, que até então. Porque eu fui exaltada, pelas gurias. E eles tinham o maior cuidado comigo. Dormia no quarto deles, eles eram casados, então eu era como se fosse uma filha deles, quando fomos viajar para lá. Isto me lembro até hoje. Foi super legal, essa minha primeira experiência no futebol feminino com treze anos. A partir de então começou a história da Duda na verdade, a partir desse jogo te diria. Comecei a jogar. Na época e até hoje o futebol feminino é futsal, futebol de sete, futebol de campo, enfim, jogávamos tudo que aparecia, e começamos a disputar vários campeonatos, uma série de eventos. Surgiu em uma época, a Seleção Gaúcha, com esta Seleção Gaúcha acabou surgindo um convite para eu ir para a Itália, na mesma época da Itália, também surgiu um convite para ir para Universidade de Carolina do Norte, que era a mesma universidade da Mia Hamm, que era da mesma época que eu. Surgiram dois convites simultâneos, um era jogar no Milan¹¹ da Itália e o outro era jogar na universidade nos Estados Unidos, e optei em ir para a Itália, joguei uma temporada no Milan, depois joguei uma temporada no Verona¹², que assim que sai acabou sendo campeão italiano, foi uma experiência bem legal, apesar de que, me machuquei, mas como o Camarão¹³ foi comigo desde o início, então, esta parte ainda foi mais tranquila de aguentar lá, porque não é fácil ficar fora do Brasil, machucada, uma porcaria.

S.R. – Com quantos anos tu foste para a Itália?

E.L. – Acho que foi em 1992, 1993 nesta época. Ai voltei, porque vi que eu precisava de alguma coisa. Jogar futebol, futebol feminino no Brasil, jamais ia ganhar notoriedade e eu

⁹ Edson Arantes no Nascimento.

¹⁰ Drible do futebol.

¹¹ Associazione Calcio Milan.

¹² Hellas Verona Football Club.

¹³ Renato Lopes, marido de Eduarda Luizelli.

não pagava as minhas contas. Então estava na hora de fazer alguma coisa em nível de Porto Alegre e para o resto da minha vida, como realmente vem sendo. Nós pegamos e: “Bah, vamos fazer a escolinha do Inter”. Fomos falar com, na época se não me engano o presidente era o Amoreti¹⁴ ou o Pedro Paulo Záquia, agora eu não lembro direito. Sentamos: “Vamos fazer, vamos fazer”. Fomos para o primeiro dia de escolinha, em setembro, final de ano, primeiro dia de escolinha tinham duas meninas. “Não vai dar certo...”. Mas foi indo, foi indo, foram nove anos de escolinha do Inter, nós temos cadastradas, se não me engano, quatorze mil meninas, cadastradas na escolinha, que passaram pela escolinha. Menina é 20% (vinte por cento), cada mês que passa, vinte desistem e vinte entram nova. Começou a história na verdade do futebol feminino do Inter, e neste meio tempo, tinha a escolinha e ainda jogava.

S.R. – Ainda existia a equipe profissional do Inter?

E.L. – Profissional nunca foi. A equipe adulta, diria assim. Criamos a escolinha, depois de nove anos, acabamos saindo do Inter. Por que nós tínhamos o Projeto de Centro de Ensino e Treinamento do Inter que era como se fosse fazer uma franquía geralmente de uma escolinha de futebol, então por uma questão política do clube, o clube criou o Genoma Colorado, e acabou tendo que excluir o nosso projeto, que era um projeto idealizador realmente de uma franquía de futebol, com metodologia de ensino, enfim. Acabamos sendo preterido dentro do clube e junto veio tudo. Tiraram o futebol feminino, tiraram a Duda, o futebol feminino, as franquías por causa desse tal Genoma. Ok, não tem problema nenhum, saímos. Foi uma das grandes viradas na minha vida, porque entramos com a escolinha masculina nas Escolas da Duda. E querendo ou não estamos no Brasil, hoje escolinha masculinha. A escolinha masculina foi a que me sustentou até hoje, porque infelizmente feminino acabou sendo 20% na nossa quantidade de alunos e hoje nós temos uma série de diferenciais dentro da escolinha; hoje trabalhamos com vinte e seis pré-escolas, que chamamos de *baby fut*, onde damos aula para crianças de três, quatro e cinco anos. Fazemos aniversários de crianças. Temos os produtos da Duda desde top, bermuda de cotton, camiseta, calção, parcas, moletom, enfim, tem toda uma linha de produtos. Hoje a Duda passou a ser, na verdade, quase que uma empresária do futebol.

¹⁴ Paulo Rogério Amoretty Souza.

S.R. – A Duda virou uma marca.

E.L. – A Duda virou praticamente uma marca. Hoje nós somos uma das maiores escolinhas do Rio Grande do Sul, temos hoje quase mil alunos, se somarmos os de pré-escola, somar todas as nossas escolas, enfim, temos um número bem considerável de alunos, e a gente vem tentando evoluir a cada ano que passa, nunca está bom, sempre queremos melhorar e quer fazer alguma coisa a mais.

S.R. – Voltando um pouco. Foste para Itália, além de Milan e Verona, jogaste em alguma outra equipe lá?

E.L. – Não. Sempre fui do futebol de campo, então sempre joguei no Milan e no Verona. Teve uma época que conseguimos um convênio com a Lazio¹⁵ porque o Camarão jogava na Lazio. Quando voltei o Camarão jogava na Lazio, logo que saímos do Inter, nós criamos um convênio Duda/Lazio que era para ter uma marca junto com a Duda. Foi quando começamos, mas foi durante um ano, um ano e meio, mas logo acabou.

S.R. – Com este teu retono para o Brasil e para o Inter, teve a ideia de montar a escolinha. Esta ideia partiu de ti?

E.L. – Sim. Antes do Inter ainda, antes da história do Inter, entre o Milan e o Verona, vim para Porto Alegre e abri a escolinha do Partenon Tênis Clube, até hoje eu lembro. Vim e foi aquele dia que chamaram todas as meninas para dentro da quadra, temos até uma matéria, que este aí nestas fitas de VHS¹⁶, com quase duzentas meninas dentro da quadra, correndo, fazendo atividade comigo, foi um dia que eu fui ali. Na verdade praticamente para tirar foto. Depois quando fui embora quem coordenou foi a Giovana¹⁷, e a Nana¹⁸ que coordenaram a escolinha, mas como eu não estava, acabou morrendo, antes do Inter. E foi bem legal, tem essa matéria da RBS¹⁹ que eles fizeram, até tem uma foto, chamaram uma

¹⁵ Società Sportiva Lazio.

¹⁶ Referência a fitas de vídeo que integram seu acervo pessoal.

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Nome sujeito a confirmação.

¹⁹ Rede Brasil Sul de Comunicação.

menina bem pequeninha para fazer balãozinho²⁰ e essa menina era a Pulga²¹, desse tamanho, ela fazendo um monte de balãozinho e é a menina que está na imagem. Às vezes a gente não se da conta da quantidade de gente que já passou pela escolinha ou que foi um dia e daqui a pouco não teve a mesma persistência. Mas eu estava vendo, agora há pouco, esta seleção brasileira que está lá, temos quase onze meninas que passaram de uma forma ou de outra, ou jogaram comigo ou... Quem tu nem imagina, por exemplo: Andrea Suntaque, ela começou a jogar futebol quando fizemos uma equipe uma vez, uma parceria o Inter e o Ítalo Serrano, ela era grandona, ruim [risos], e a gente falava: “Vai para o gol, vai para o gol porque tu és grande”. Ela começou a ser goleira ali, começou a treinar e ser goleira ali. Fomos para um campeonato brasileiro, foi bem legal, jogamos um campeonato brasileiro que perdemos e tal, e ela era nossa goleira. Quer dizer, tem uma infinidade de meninas que às vezes a gente nem sabe que passou. “Bah eu joguei lá, fui uma vez na tua escolinha”. Esses dias eu estava... Semana passada, estava lá em Carlos Barbosa²² e uma menina que joga com a Gabi²³ na ACBF²⁴ me atacou: “Tu sabia que eu levei minha filha lá para fazer um teste?” Que legal! Se formos ver, nós temos uma história bem legal, e daqui a pouco nós fomentamos o sonho de muita gente.

S.R. – E dentro do Inter, tu lembrás quais competições participou? As que te marcaram mais?

E.L. – Nós fomos, que me lembro, tetra campeãs gaúchas, bi ou tri campeãs da Copa Sul de futebol feminino, chegamos no terceiro lugar de um Campeonato Brasileiro, lembro que jogamos contra o Grêmio para disputar o terceiro lugar que na época, aqui no Rio Grande do Sul, era bem desenvolvido o futebol feminino, conseguíamos treinar praticamente. Nessa época no Inter, que fizemos uma grande equipe, a gente treinava de manhã e de tarde, almoçava no clube, enfim, tinha uma estrutura bem legal. A gente tinha no clube uma coisa bem legal, que era essa questão do clube apoiar e conseguimos fazer equipes que tu vê, chegou em terceiro lugar no Campeonato Brasileiro e nesse Campeonato

²⁰ Embaixadinha.

²¹ Nome sujeito a confirmação.

²² Município do estado do Rio Grande do Sul.

²³ Gabriela Marranghello Luizelli.

²⁴ Associação Carlos Barbosa de Futsal.

Brasileiro, que se eu não me engano, foi em Ubá²⁵, não tenho essa memória boa assim, mas se eu não me engano foi em Ubá, nós ganhamos da equipe campeã que foi o Santa Isabel²⁶, por um a zero, que eram as meninas da seleção. Durante a fase classificatória, ganhamos de um a zero com um golaço meu de falta. Lembro-me, na frente da área, a bola entrou na gaveta. Foi bem legal esse Campeonato Brasileiro lá em Ubá, que foi o campeonato que fui à goleadora do Campeonato Brasileiro, foi super legal. Que eu me lembro, foi isso, depois jogamos alguns campeonatos no Uruguai com o Inter, mas tudo amistoso, nada de mais importante.

S.R. – Como aconteceu tua primeira convocação para Seleção Brasileira?

E.L. – Minha primeira convocação para Seleção Brasileira. Eu estava na Itália, no Milan, porque quando sai daqui foi bem comentado, saiu até no Jornal Nacional, tem matéria ali. Porque fui a primeira, praticamente a primeira mulher a ir para Itália, abrir os caminhos, e foi matéria de Jornal Nacional; saiu em tudo quanto era lugar, e o pessoal já me conhecia dos campeonatos brasileiros que sempre joguei, depois que participei de praticamente todos. Quando fui convocada, eu estava na Itália, fui convocada várias vezes, até quando fiquei esses dois anos na Itália, porque na época e até hoje quase, agora que mudou, a seleção era convocada quinze dias e ia embora, ai vinha quinze dias e ia embora. Uma das minhas maiores frustrações talvez, que é uma coisa que praticamente nunca falei, mas é uma coisa assim que... Nunca fui para uma Olimpíada, que era sempre a minha vontade de ir e eu sabia que poderia ir, foi na Olimpíada de Atlanta de 1996, que foi a primeira Olimpíada do Brasil e eu treinei toda a parte preparatória. Joguei o Sul-Americano, fui bi campeã sul-americana com a seleção brasileira e quando chegou na hora “h”, na última convocação na verdade, coisa que ninguém sabe, mas eu vou te falar, pouca gente sabe, minha mãe e o Camarão sabem. Eu engravidei, na Itália, como tinha passaporte, cidadania, tudo, lá na Itália. Tivemos que fazer todo o procedimento de tirar o nenê, imagina! Eu tinha vinte anos. Foi bem quando teve a convocação, aquela última convocação para ir. Porque antes deles fazerem a convocação, eles te ligam, eles ligam para todo mundo, tu já sabe antes, se tu foste convocada ou não. Então nós falamos: “Olha, infelizmente não vai ter como, dessa vez eu vou ter que pular”. Foi tudo ruim naqueles dias. Depois dali fiquei,

²⁵ Município do estado de Minas Gerais.

²⁶ Santa Isabel Esporte Clube.

acho que uns dois, três anos sem ser convocada. Mas foi uma decisão que nós tínhamos que tomar, porque não era o momento naquela época, enfim. E foi isso que aconteceu neste período, porque entre a primeira convocação e a última foram uns oito anos. Mas tiveram esses quatro anos de “geladeira”. Mas foi bem legal, depois voltei para o Inter, daí quando eu fui convocada foi depois desse campeonato brasileiro que fui à goleadora.

S.R. – E além do Sul-Americano, tu se lembras de mais alguma competição que tenha participado com a Seleção?

E.L. – Competições oficiais que nós jogamos foram. Que eu me lembre, foram essas. Porque na época só existia Sul-Americano, que joguei dois. Nós fomos bi e tri campeãs sul-americanas e eu joguei. Não, competições oficiais foram só Sul-Americanos, porque daí no meio do Sul-Americano teve esta Olimpíada que eu não fui.

S.R. – Quando e em que situação tu decidiste parar de jogar futebol?

E.L. – Quando eu resolvi que iria engravidar. Que iria ter filho, que foi até uma coisa assim. Foram praticamente vinte anos tomando anticoncepcional, então, eu engravidei. Quando nós decidimos engravidar, foi. O Dudinho²⁷ tem 10 anos, então foi há 12 anos atrás, porque levou dois anos. Engravidei a primeira vez e com dois, três meses, perdi. A doutora falou: “Vamos de novo, isto é uma coisa normal de quem toma pílula há muito tempo.”

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]²⁸

E.L. – Então perdi, e nós fomos para segunda tentativa logo em seguida e o médico falou: “Vai de novo que vai dar certo”. Fomos para segunda tentativa, chegamos lá e conseguimos, mas chegou lá com dois, quatro meses perdi de novo. A não! Tem algum problema. Pegamos uma geneticista, que cuidava de genética para ver se tinha algum problema, o troço foi para os Estados Unidos para fazer uma biópsia para saber o que havia acontecido. Deu lá na época uma má formação. Deu um problema lá de genética, mas que

²⁷ Eduardo Luizelli Lopes.

²⁸ Pausa para atender ao filho da entrevistada que entrou na sala onde acontecia a entrevista.

acontecia um caso em um milhão, não foi nada de problema, deu azar assim o segundo nenê. Então tive que colocar DIU²⁹, fazer todo o procedimento de novo, isso levou mais seis meses, tira o DIU vai e engravida. E a médica falou: “Pode ir tranquila que olha, a primeira foi uma coisa que acontece com outras mulheres e elas nem sabem; a segunda foi um azar que tu ganhaste na loteria, vai para o terceiro, que nem te preocupa que vai dar certo”. Então foi, o terceiro. Que joguei o Grenal³⁰ grávida, aquele Grenal dos três a dois que eu estava grávida e eu já sabia, eu e o treinador nós já sabíamos, por isso que na realidade eu já não treinava tanto, ele sabia. E foi quando engravidei pela terceira vez, na terceira tentativa, porque tudo na minha vida foi bem difícil, nada foi assim fácil, até ter filho foi uma coisa difícil. E na terceira vez deu tudo certo, o guri hoje tem dez anos, um baita de um guri tri bonito. Foi quando parei de jogar futebol.

S.R. – Fala um pouco deste Grenal especificamente. Em minha opinião foi marcante para muitas pessoas, se não me engano vocês estavam jogando dentro do Beira-Rio³¹ perdendo o segundo jogo por três a zero no segundo tempo já.

E.L. – Estava três a zero. Entrei no jogo tinham vinte e dois minutos do segundo tempo. Praticamente perdido, o coronel que era o que coordenava o Grêmio passava na frente do nosso banco: “Prepara o carro de bombeiro”... Porque o Grêmio ia jogar no Olímpico³² no mesmo dia de tarde, no final da tarde. “Prepara o carro de bombeiro que as gurias vão dar uma volta”. E eu no banco, estava até meio que chorando, porque não podia ajudar. E o jogo quase acabando, e o Grêmio trouxe todas as gurias da seleção, todas não, mas tinha na época Tânia Maranhão³³, Maravilha³⁴, Maycon³⁵ que era uma das melhores jogadoras na época porque corre o campo inteiro. E o que aconteceu, ele me chamou: “Vamos?” Ai falei: “Vamos, fazer o quê!”. No primeiro lance que eu lembro, me meti em uma jogada e a guria entrou com tudo em mim, aí fiz uma firula, fiquei no chão, e o juiz foi lá e expulsou uma do Grêmio no primeiro lance depois que entrei. E parece assim, sabe quando tu entras e dá um ânimo para a tua equipe, agora vai dar! Jura que... Mas sabe quando tu tens... Às

²⁹ Dispositivo Intra-Uterino.

³⁰ Clássico do futebol brasileiro disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

³¹ Estádio Beira-rio.

³² Estádio Olímpico Monumental.

³³ Tânia Maria Pereira Ribeiro.

³⁴ Marlisa Wahlbrink.

³⁵ Andréia dos Santos.

vezes eles falam de tu teres aquela áurea positiva... “Vai mudar!”. E não teve dúvida, a guria foi expulsa. No outro lance, eu lembro que fiz alguma jogada e lancei acho que a Maria³⁶ ou a Karina³⁷, na época, não lembro qual das duas, e em um contra-ataque nós fizemos o gol, fez o três a um. Nós estávamos jogando em casa e tinha até certa quantidade de pessoas, vi que quem estava levantou. E logo no segundo lance fomos para cima de novo. Uma jogada que a bola sobrou alta para mim e lembro que meti de chaleira³⁸ no ar, lancei a Rosana³⁹ lá na ponta e ela foi ganhando velocidade, lembro que ela deu uma caneta⁴⁰ em uma guria, meti a bola e fui. Ela cruzou e eu fiz o gol de cabeça, aí acho que foi três a três e com esse placar nós já éramos campeãs. O jogo foi três a três e nós fizemos ainda o quatro a três. E foi um dos jogos mais emocionantes, até quem estava no estádio viu, com certeza. Pena que naquela época não existia tanta mídia que nem existe hoje no futebol feminino, porque aquilo lá sim era matéria de Jornal Nacional [risos]. Ainda mais para nós aqui que a rivalidade era muito grande. E outra, às vezes tu trabalhar com clube, tu nunca sabe o que vai acontecer no dia de amanhã, porque muda a diretoria, tu não sabe se vai continuar, se não vai continuar, o que vai acontecer. Então, enfim, foi isso mais ou menos que aconteceu neste grenal.

S.R. – Tu já falaste um pouco de como surgiu a Escola da Duda, mas gostaria de saber como foi esta tua transição de jogadora para dirigente.

E.L. – Foi meio que, por um grande período, meio que simultânea. Mas é bem diferente do masculino, porque como nós não vivemos do futebol feminino, tu não vive de jogar futebol. Hoje até uma das questões que nós brincamos, que nós “discutimos”, eu e o Camarão: “Nunca vi alguém que para de jogar com trinta, com quarenta anos, não jogar mais futebol”, falei. Eu não gosto de jogar futebol mais, não me sinto bem jogando futebol porque qualquer lugar que tu vá jogar as pessoas esperam de ti uma coisa que tu não é mais. E o que acontece? Tu vai jogar bola, aí entra uma guria que daqui a pouco quer te mostrar que joga muito, vai a guria me dar uma caneta e eu vou dar no meio dela, já não vou me divertir. Então prefiro hoje não jogar. Claro que a gente joga, nós temos um grupo

³⁶ Nome sujeito a confirmação.

³⁷ Karina Balestra da Luz.

³⁸ Gíria do futebol.

³⁹ Rosana dos Santos Augusto.

⁴⁰ Gíria do futebol.

das quartas-feiras, que é praticamente um grupo da escolinha de mães que nós jogamos para nos divertir, jogamos para dar risada. Tínhamos um grupo na sexta-feira que jogava, que as meninas eram mais velhas, que jogavam simplesmente para se divertir, e eu não gosto de jogar. Se tiver alguma câmera filmando, alguma coisa, hoje não jogo mais, não tenho a mínima vontade, até porque jamais vou pegar uma bola e colocar a bola na gaveta, o passe ainda sai mais ou menos, mas sabe? Então essa transição para mim não foi um problema, porque, o jogar eu jogo hoje, como te falei, me divertindo, acho que o principal de tudo te envolve jogando. Para mim foi uma transição super tranquila, mas foi uma opção de vida trocar. Para na verdade fazer sobre a escolinha de futebol então... Quando eu voltei da Itália, já voltei pensando em fazer uma coisa para o resto da vida, e deu certo.

S.R. – Como se dá o processo de formação de atleta da tua escolinha? Tu já deste aula na escolinha?

E.L. – Quando era no início, lá no Inter, eu sempre dei aula, sempre. Eu adorava, meus planos de aula até, sempre pesquisei, se eu pegar aqui, meus planos de aula de vinte anos atrás. Sempre pesquisei em sites dos Estados Unidos os *drills*, adorava. Colocava lá “passe”, pegava os desenhos já colava os desenhos nos planos de aula, se eu for pegar. Minha aula era meu sonho, que gostaria que todos os meus professores fizessem. Porque a minha aula tinha um começo, meio e fim e ela tinha sempre uma coisa diferente porque eu pesquisava, gostava de olhar. Acho que isso também foi um diferencial das minhas aulas. Hoje a minha voz é extremamente rouca, foi de sempre dar aula, porque jamais dou uma aula ficando quieta, falo do início até o final; se tenho que dar aula e hoje até por uma questão de cordas vocais, eu nem consigo mais dar uma aula, porque se eu der uma aula hoje falando, já saio da aula sem conseguir falar normal. Mas então, já dei aula na escolinha lá no início, mas nunca foi o que gosto de fazer mesmo. Gosto mesmo é de coordenar, de conversar com os pais, de saber como está, isso eu acho que faço super bem, se chego a qualquer uma das minhas escolinhas, chego lá e falo: “Esse aqui é o uniforme novo da Duda”. Todo mundo vai lá e adquire o uniforme novo. Coisa que o professor da escolinha, o gerente tem certa dificuldade de fazer isso. Eu não tenho nenhuma, vou lá pego e faço: “Nós vamos fazer uma viagem para não sei onde”. Eu estando, fica tudo muito mais fácil. Mas não consigo ficar em todos os lugares ao mesmo tempo, mas é assim que vão acontecendo às coisas.

S.R. – Como se dá essa formação das crianças?

E.L. – Nós começamos com três, quatro, cinco anos. É *baby fut*, trabalhamos de forma bem lúdica, as meninas até estarem na quinta série, trabalhamos elas junto com os meninos, não tenho turma específica feminina hoje. Porque como ela está na quinta série, ela vai estudar de tarde, então as turmas de manhã são todas mistas, ou final de tarde, são todas mistas, menino e menina, até porque é difícil formar turma de menina pequena. Quando ela tem doze anos, quando ela vai para sexta série, vai para manhã, o que a gente faz, de tarde tem a turma à cima de doze anos específica, por exemplo, no caso de futebol feminino. No feminino temos dificuldade de campeonatos, porque nessa faixa etária. Bom, aqui no Rio Grande do Sul, Porto Alegre então, se tiver um adversário é muito, sempre. E tentamos trabalhar, trabalhamos de todas as formas, todos os fundamentos, desde lá do início, primeiro de forma lúdica, depois de forma que a criança aprenda, depois de forma mais competitiva, até competindo com meninos, até doze anos elas jogam junto com meninos. Porque infelizmente nós não temos muita quantidade, e os que têm são campeonatos escolares que nós não podemos participar. Em relação às meninas trabalhamos desta forma, e os meninos nós trabalhamos da mesma forma, mas temos muito mais facilidade porque tem muito mais campeonatos e quando chega com doze, treze, quatorze anos, a partir de dez anos se ele é craque mesmo nós já o indicamos, geralmente nós indicamos para o Inter, mas hoje nós temos meninos da nossa escolinha no Inter e no Grêmio, na categoria 2003, 2004, 2005, temos vários meninos hoje, mas estamos buscando uma parceria agora um pouco mais forte com algum grande empresário, para que a gente também comece a ir para esse lado, no futebol masculino, que é uma coisa que nunca dei muita bola, o Inter sempre pegou a criança e ficou por isso. Então agora nós tentaremos dar uma cuidada melhor nesta parte também.

S.R. – Das meninas que passaram por ti, mais ou menos quantas passaram pela seleção brasileira?

E.L. – Eu acho. A gente tem que fazer uma conta, uma retrospectiva, mas nós devemos estar falando de umas trinta, quarenta. Porque agora também tem seleção sub-15, sub-17, sub-20 e adulta. Então nós devemos ter várias que já foram. A partir do momento em que o

Inter não teve mais a equipe adulta, nós acabamos perdendo as meninas da equipe adulta, por exemplo, nunca mais teve ninguém na seleção adulta. O Rio Grande do Sul nunca mais teve ninguém na seleção adulta, mas nas categorias de base nós sempre temos algumas atletas, e acho que um dos motivos para o Brasil começar a ganhar é que precisa ter cada vez mais atletas gaúchas, desde que estivessem treinando, porque, na minha opinião, no futebol feminino hoje, para gente ganhar de uma Alemanha, dos Estados Unidos, precisamos de meninas não só boas tecnicamente, fisicamente, mas também meninas altas, fortes, que possam bater e não cair, e onde é que vai achar essa meninas altas, grandes, fortes? É aqui no Rio Grande do Sul. Eu vejo assim o futebol. Eu acho que na hora que eles olharem mais para o Rio Grande do Sul. Claro que tudo é um começo, precisamos ter apoio, não é uma coisa tão fácil. Mas nós podemos chegar lá de novo.

S.R. – Tu já tiveste experiência como treinadora?

E.L. – Não, como te falei, não gosto de ser treinadora, porque treinador cai e não caio nunca [risos]. Então não gosto. Não curto ser treinadora, primeiro porque tu nunca vai contentar todo mundo, tu vai contentar onze, vai ter cinco de beijo contigo, que são os bancos, lá sete, oito, e ainda vai ter aquelas que vão te chamar de traíra, que são as que ficam fora da convocação. Então nunca foi o meu, porque sempre fui de apaziguar, sempre fui de tentar: “Mas tu não está por causa disso”; “Tu tem que melhorar”. Eu gosto de fazer essa parte fora de campo, não é uma coisa que me seduz ser treinadora, e jamais. Jamais não, mas não gosto, eu prefiro fazer a parte fora de campo. Já surgiram convites da CBF⁴¹ para assumir uma seleção, era uma categoria de base na época e eu estava com sete meses de gravidez do meu segundo filho, mas eu não podia nem viajar, ou seja, isso faze sete anos, ele tem sete, oito. Mas ai ficou por isso, era uma questão de momento e acabou não rolando, mas mesmo assim, não sei se eu mesmo em condições normais se toparia, a não ser se tivesse alguém junto, por trás, enfim. Mas não é meu sonho de consumo, meu sonho de consumo com o futebol feminino é sim fazer um projeto FIFA⁴², fazer um mega projeto e ter o respaldo da FIFA, não estou nem falando em CBF, esse é meu sonho. E nós já estamos trabalhando para isto, até porque trabalhamos com bastante gente e acho que mais um ano nós já vamos entregar um projeto bem feitinho, bem legal para quem sabe o

⁴¹ Confederação Brasileira de Futebol.

⁴² Federação Internacional de Futebol Amador.

futebol feminino... Porque não adianta só a gente falar, falar, precisa de gente que faça e eu acho que posso fazer. Mas nós não temos muito tempo, então vamos indo devagarzinho, mas ele está aqui guardado e quando conseguimos vamos melhorando ele. Agora vamos começar a tradução dele para daqui a pouco dar uma melhorada nele final, para entregar.

S.R. – Essas são tuas perspectivas para o futebol feminino do Rio Grande do Sul no momento?

E.L. – No momento eu acho que existe um, como eu vou te dizer. No momento existe, pela primeira vez existe uma união entre CBF e Ministério do Esporte, são pessoas que pensam da mesma forma que estão comandando a CBF, no caso o futebol feminino, que estão no poder diria assim, e o Ministério do Esporte. Então, acho que no momento tem tudo para que os clubes também tenham este apoio, tanto do Ministério do Esporte quanto da CBF. É nessa parte política que estamos trabalhando para que isto aconteça e espero que aconteça nos próximos meses coisas bem legais.

S.R. – Também esperamos. Duda, muito obrigada pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]